

CORPO-CASA: DIÁLOGOS ENTRE CAROLEE SCHNEEMANN, DIEGO BIANCHI E MÁRCIA FALCÃO

EXPOSIÇÃO
6 DE ABRIL – 7 DE JULHO 2024

CURADORIA
FERNANDA BRENNER
ANA ROMAN

NÓS QUE ESTAMOS ABORDANDO OS TABUS NOS TORNAMOS O TABU. OS SUPRESSORES ESTÃO CONFUSOS. ELES NÃO CONSEGUEM DISTINGUIR IMAGENS DOS CRIADORES DE IMAGENS.
C. Schneeman Em: The Obscene Body Politic, 1991

Imagine um olhar não governado por leis artificiais de perspectiva, um olhar sem preconceitos, marcado por certa lógica compositiva, um olhar que não responde ao nome de tudo, mas que se permite conhecer e explorar cada objeto encontrado na vida por meio de uma aventura de percepção⁽¹⁾.

Imagine que certa vez, em 1975, uma bela mulher branca, de 36 anos, se colocou nua em frente a 300 pessoas e diligentemente extraiu um pergaminho de sua vagina. O texto que ela leu em voz alta dizia o seguinte:

“Conheci um homem feliz um cineasta estruturalista (...) ele disse que gostamos de você você é encantadora mas não olhamos para seus filmes não podemos há certos filmes que não podemos olhar a desordem pessoal a persistência dos sentimentos a sensibilidade ao toque das mãos a indulgência diária a confusão pictórica a gestalt densa as técnicas primitivas”⁽²⁾.

A mulher era Carolee Schneemann (1939-2019), e o cineasta estruturalista mencionado por ela não era Stan Brakhage – seu amigo e artista contemporâneo –, que parece ter escrito as palavras do parágrafo inicial para ela. Na verdade, Schneemann se referia a uma mulher: a crítica de cinema Annette Michelson, que a manteve fora do cânone feminista ao não mencioná-la nas aulas de cinema que conduzia na Universidade de Nova York (NYU).

O “corpo-olho-não-tutelado”⁽³⁾ era, para Brakhage, a própria Schneemann: uma força visionária e feminista influente, uma artista prolífica e de espírito livre, que inegavelmente foi um dos pilares das artes performáticas dos anos 1960 e 1970. No entanto, as razões da sua inclusão tardia no cânone da história da arte ocidental não é o tema desta exposição. Em vez disso, nosso objetivo é convidar (invocar?) sua mente e seu corpo inquietos de volta à conversa atual e compartilhar um espaço com as mentes e os corpos muito mais jovens, mas não menos inquietos, do artista argentino Diego Bianchi (1969) e da pintora carioca Márcia Falcão (1985).

As linhas de *Interior Scroll* eram, em seu tempo, críticas cruéis a trabalhos

transgressores, como o de Schneemann. Aqui, no entanto, tornam-se um fio condutor e um elogio às implicações poéticas e políticas da ferocidade e do excesso. Os três artistas, cada um à sua maneira, optam pela taticidade; seus trabalhos nos atingem no corpo, rompem os tabus da fisicalidade e implodem aquilo que o mundo civilizado-sanitizado-normativo trabalha tanto para suprimir. Para emprestar um termo usado por Schneemann, poderíamos dizer que os três artistas buscam uma *cinética visceral*⁽⁴⁾ e que chegam às entranhas, ao interior dos corpos e das coisas sem jamais abrir mão da complexidade de seus temas.

A exposição *Corpo-Casa* foi concebida como uma colagem sinestésica e intemporal de obras que, em certo sentido, têm a mesma temperatura. O local da mostra foi, por dois meses, o local de trabalho de Diego Bianchi; seus arranjos improváveis de objetos encontrados e intervenções espaciais surgiram quase por geração espontânea. Todos os dias aparecia algo: pernas de plástico cortadas de manequins de segunda mão, tubos de metal, meias velhas, parafernália eletrônica e todo tipo de material de descarte que passasse pelo crivo rigoroso do artista. As criaturas de Bianchi, as imagens em movimento de Schneemann e as telas de grande dimensão de Falcão diligentemente negociaram seus lugares na arquitetura brutalista sinuosa que as envolve.

Bianchi emprega diversos materiais e escalas em seu trabalho; ao longo de sua carreira, transitou das três dimensões para duas e vice-versa. Ainda assim, seus métodos e interesses permanecem: “sou fascinado pelo tempo pelo qual as coisas duram, pelo modo como cuidamos dos objetos e aquilo que decidimos preservar. Vejo isso como um desejo de retardar o tempo”, diz o artista. Schneemann abraça a temporalidade estendida mencionada por Bianchi em suas imagens em movimento (algumas delas combinando mais de dois anos de material captado). Falcão, por sua vez, faz o mesmo com o seu processo laborioso de pintura. Assim como o trabalho de Schneemann, os gestos grandiloquentes da artista carioca nos engolem por inteiro. As duas não poderiam estar mais distantes em termos de idade e contexto, mas se encontram na forma como abordam o corpo feminino e a sexualidade, explorando seus desejos sem ambiguidade, vergonha nem sentimentalismo. A justaposição, a sobreposição e a fragmentação de corpos no espaço e o pensamento pictórico são os assuntos principais desta exposição.

A partir do encontro entre os três artistas, o Pivô se transforma em um

refúgio, uma casa na qual a lógica vigente não se aplica. Para Bianchi e Schneemann, a casa é o ateliê, e o ateliê está em todo lugar, pois tudo – e todo corpo – pode ser material de trabalho. Falcão, por outro lado, vê a casa e seus arredores como parte de seu assunto final: o corpo feminino racializado – mais precisamente, o vocabulário do corpo feminino que transita pelas periferias e pelos subúrbios cariocas, onde cresceu e ainda vive e em que as violências racial e de gênero são sistêmicas. Schneemann via os corpos como colagens – não apenas compostos de membros e partes, mas receptáculos vivos que carregam e moldam (consciente e inconscientemente) imagens e expressões do passado, presente e futuro⁽⁵⁾. Nesta casa peculiar que construímos seguindo suas coordenadas, tudo é material de colagem em potencial. Gatos vagam livremente em beijos infinitos, corpos, coisas e arquitetura se fundem como abstrações, e movimentos frenéticos estão por toda parte. Confusões pictóricas se acumulam no espaço, vestem manequins e preenchem enormes telas e bobinas de filme. Esses emaranhados improváveis de coisas e corpos são também convites para se tornar você mesmo um corpo-olho-não-tutelado.

Juntos, os trabalhos de Bianchi, Schneemann e Falcão formam um testemunho da materialidade cultural, identidade e experiência vistas à medida que o século XX passa para as primeiras décadas do hiperventilante século XXI. Eles nos provocam para pensar como nossos tempos moldam nossos corpos, modos de vida, identidades, interações e escolhas (quando essas existem). Tendo isso em mente, nada é dado como certo nem garantido. Por fim, adentrar essa casa-corpo também significa estar disposto a se desviar do caminho pavimentado.

Fernanda Brenner

(1) BRAKHAGE, Stan. Metáforas sobre Visão. In: Adams Sitney, Cinema Visionário: A Vanguarda Americana, 1943-2000. Oxford: Oxford University Press, 2002..

(2) “I met a happy man a structuralist filmmaker (...) he said we are fond of you you are charming but don't look at your films we cannot

there are certain films we cannot look at the personal clutter the persistence of feelings the hand-touch sensibility the diaristic indulgence the painterly mess the dense gestalt the primitive techniques”.

(3) O termo olho/corpo vem de uma das séries fotográficas de série fotográfica de Schneemann, Eye Body: 36 Transformative Actions for Camera (1963), na qual ela integrou, em seu corpo nu, cobras, peles, espelhos fragmentados e outros objetos em uma ação ritualizada que visava suas “construções de pinturas” [painting constructions].

(4) Visceral kinetics.

(5) Carolee Schneemann – Body Politics Catálogo de exposição. Barbican. p. 15.

O Pivô é uma associação cultural sem fins lucrativos, fundada em 2012 e que atua como plataforma de intercâmbio e experimentação artística a partir do seu espaço no Edifício Copan, no centro de São Paulo. O programa do Pivô se articula entre projetos comissionados, exposições, programas públicos, publicações e residências artísticas, sempre levando em conta o potencial que a arte contemporânea tem de instaurar questionamentos críticos e abrir novas possibilidades de envolvimento com as questões cruciais do nosso tempo. Após uma década de funcionamento, em 2023, o Pivô abriu um novo espaço em Salvador. Localizado em um casarão histórico e relevante na cena cultural soteropolitana, o Pivô Salvador busca estabelecer-se como uma plataforma multidisciplinar de pesquisa e de intercâmbio no Nordeste do Brasil. O objetivo principal da instituição é fomentar e divulgar a produção artística local e criar um espaço livre e aberto para a interlocução entre diversos agentes do campo da cultura contemporânea, em esfera nacional e internacional.

GRATUITO
Verificar classificação indicativa

PIVÔ

EDIFÍCIO COPAN
AV. IPIRANGA 200,
LOJA 54 BLOCO A
SÃO PAULO
WWW.PIVÔ.ORG.BR

APOIE



SAIBA MAIS



CORPO-CASA:
DIÁLOGOS ENTRE
CAROLEE SCHNEEMANN,
DIEGO BIANCHI E
MÁRCIA FALCÃO

Bernardo Paz,
Beatriz Yunes
Guarita,
Carbono Galeria,
Eleonora e
André de Luca,
Fabiana Brenner,
Fernando Marques
Oliveira,
Portes D'Aloia &
Gabriel,
Galatea,
Galeria
Luís Strina,
Graham Steele e
Ulysses de Santi,
Guilherme Teixeira,
Ivani Yunes,
José Leopoldo
Figueiredo,
Mendes Wood DM,
Renata Paes
Mendonça,
Roberto Miranda
Lima,
Vera e Luiz
Parreiras,
Virginia e Daniel
Weinberg,
Vivien Hertogh e
Jairo Okret.
Aqueles que
preferiram
permanecer anônimos.

CURADORIA
Fernanda Brenner
Ana Roman
DESIGN GRÁFICO
Vanina Scolavino
EXPOGRAFIA
Diego Bianchi em
colaboração com
Anna Ferrari
PROJETO DE ILUMINAÇÃO
Fernanda Carvalho
Lighting Design
CENOGRAFIA /
CENOTÉCNICA
Eprom
EQUIPAMENTO ILUMINAÇÃO
Santa Luz
PRODUÇÃO
Cássia Viana
EQUIPAMENTO AUDIOVISUAL
Maxi Áudio
MATERIAIS GRÁFICOS
Cinelândia
REGISTRO FOTOGRÁFICO
Everton Ballardín
DOCUMENTAÇÃO EM VÍDEO
Pedro Marques
REGISTRO ABERTURA
Marina Lima
TRADUÇÃO DE TEXTOS
Adriana Francisco
TRANSCRIÇÃO
Temporal Produtora
Luciana de Oliveira
REVISÃO
Fabiana Pino
Arthur Chermont
ASSISTENTES DO ARTISTA
DIEGO BIANCHI
Wallace da
Silva Costa
Leandro da Costa
MONTADORES
Miguel Freitas
EQUIPE SEGURANÇA
WM Serviços
ACESSIBILIDADE
Não Preta
Temporal Produtora
APOIO
Portes
D'Aloia & Gabriel,
Galerie
Jocelyn Wolff,
Kalimo,
PPOW Gallery,
Schneemann
Foundation.
AGRADECIMENTOS DO PIVÔ
Coleção
Moraes Barbosa,
Isaac Alpert,
Guil Blanche e
Jay Khalifeh.
AGRADECIMENTOS
DO ARTISTA
Pablo Accinelli,
Nicolas Robbio,
Pedro Caetano,
Pablo Ferraro,
Jessica Mein,
Galerie
Jocelyn Wolff.
Wallace, Leandro,
Carlota e Márcia.
MANTENEDORES
Alexandra Mollof
Almeida e Dale,
Ana e Marco Abrahão,
Andrea e José
Olympio da Veiga
Pereira,
Antonia Bergamin
e Mateus Gomes
Ferreira,
Arystela e

EQUIPE PIVÔ SÃO PAULO

DIREÇÃO ARTÍSTICA
Fernanda Brenner
DIREÇÃO EXECUTIVA
Carolina de Sá
DIREÇÃO INSTITUCIONAL
Jaqueline Santiago
CURADORIA
Sylvia Monasterios
COORDENAÇÃO
INSTITUCIONAL
Jéssica Gonçalves
PRODUÇÃO EXPOSIÇÕES
Cássia Viana
PRODUÇÃO PIVÔ PESQUISIA
Juliana Sampaio
ANALISTA DE
COMUNICAÇÃO
Julia Bastos
PRODUTOR JUNIOR
Lorenzo Caldana
ASSISTÊNCIA
ADMINISTRATIVA
Mayra Victorino
LIMPEZA E MANUTENÇÃO
Francisca Márcia
Ferreira de Sousa

EQUIPE PIVÔ SALVADOR

COORDENAÇÃO DE PROJETO
Ramon Martins
ATENDIMENTO AO PÚBLICO
Murilo Silva
LIMPEZA E MANUTENÇÃO
Ieda Cristina
da Silva

COLABORADORES PIVÔ
DESIGN
Catê Bloise
AUDIOVISUAL
Pedro Marques
ASSESSORIA LEIS
DE INCENTIVO
Clarice Magalhães
ASSESSORIA FINANCEIRA
2P Financeiro
ASSESSORIA JURÍDICA
Caio Mariano
Advogados
Montenegro Castelo
Advogados associados
Pannunzio Trezza
Advogados
CONTABILIDADE
Quality

PATROCÍNIO



INCENTIVADOR



PARCEIRO



REALIZAÇÃO

